

## Fundos acumulam captação líquida de R\$ 186,2 bilhões no ano até novembro

### Resultado é o melhor dos últimos três anos para o período

A indústria de fundos de investimento acumula no ano até novembro **captação líquida positiva de R\$ 186,2 bilhões, o melhor resultado dos últimos três anos para o período**, segundo dados da ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais). O saldo permanece no azul apesar de os meses de setembro, outubro e novembro terem sido marcados por saídas líquidas que totalizam R\$ 116,7 bilhões.

Entre janeiro e novembro, os **fundos de renda fixa se destacaram, com captação líquida positiva de R\$ 344 bilhões**. Em novembro, no entanto, essa categoria registrou mais resgates do que aportes, com saídas que somam R\$ 4,7 bilhões. “Esse foi um movimento pontual. A taxa de juros elevada e as incertezas no quadro fiscal devem continuar estimulando os investidores a buscarem opções de investimento conservadoras, atraindo mais recursos para a renda fixa”, afirma **Pedro Rudge, nosso diretor**.

Na categoria dos **multimercados**, as perdas continuam, com esses fundos registrando **resgates líquidos de R\$ 324,2 bilhões no acumulado do ano**. Em novembro, as saídas líquidas foram de R\$ 24,3 bilhões, resultado que, apesar de negativo, representa uma desaceleração de 77,3% em relação aos saques ocorridos em outubro.

Os **fundos de ações** igualmente sofrem com mais resgates do que aportes. **No ano, as saídas líquidas totalizam R\$ 9,5 bilhões**. Em novembro, o saldo foi negativo em R\$ 3,8 bilhões.

Uma das categorias de fundos que, aos poucos, vem se recuperando é a de **fundos cambiais**. Embora em 2024 a captação desses produtos esteja negativa em R\$ 52,7 milhões, em novembro **eles obtiveram entradas líquidas de R\$ 421,4 milhões, o melhor desempenho mensal da categoria no ano**. “O panorama econômico atual, caracterizado por volatilidade doméstica e internacional, favorece esses fundos como uma alternativa para mitigar riscos cambiais e preservar o poder de compra fora do país, especialmente em um ambiente de desvalorização do real e pressão inflacionária”, explica Rudge.

### Rentabilidade

Na classe de renda fixa, os **fundos de dívida externa**, que investem, no mínimo, 80% de seu patrimônio em títulos desta categoria pertencentes à União, **exibem a maior rentabilidade, com valorização de 27,32% no ano até novembro**. Logo em seguida, destacam-se os **tipos duração baixa e duração média crédito livre**, ambos com **retorno de 10,68%**. Esses produtos podem investir mais de 20% da sua carteira em títulos de médio e alto risco de crédito do mercado doméstico ou externo.

Entre os multimercados, o maior retorno foi obtido pelos **fundos do tipo investimento no exterior**, que alocam mais de 40% do patrimônio líquido em ativos financeiros fora do país. Eles apresentaram uma **rentabilidade de 10,89% de janeiro a novembro**, superando o IHFA (Índice de Hedge Funds ANBIMA) no período. Os fundos de ações desse mesmo tipo também se destacaram, registrando um retorno de 5,38% no mesmo intervalo.

>> [Clique aqui e confira os dados na íntegra](#)

---

## Selic deve chegar a 13,75% ao final do ciclo de alta dos juros, segundo Grupo Consultivo Macroeconômico

**Para economistas, o Copom vai elevar a taxa em 0,75 ponto percentual na reunião desta semana e seguir com mais aumentos até maio**

O Grupo Consultivo Macroeconômico da ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados

Financeiro e de Capitais) projeta que **o ciclo de alta dos juros levará a Selic ao patamar de 13,75% em maio** de 2025. Na avaliação dos economistas, o Copom (Comitê de Política Monetária) vai **aumentar a taxa em 0,75 ponto percentual nesta semana**, atingindo então 12,0% em 2024, com mais um ajuste de 0,75 ponto percentual em janeiro e outros dois adicionais de 0,50 ponto percentual nas reuniões seguintes.

Para o final do próximo ano, a mediana das expectativas indica que a Selic chegará a 13,50%.

Em relação à **inflação**, a previsão para o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) foi revisada de 4,6% para 4,9% em 2024 e subiu de 4% para 4,8% em 2025, refletindo o aumento da demanda, impulsionada por uma política fiscal expansionista.

**“O cenário ficou mais desafiador diante da percepção do mercado após o pacote fiscal anunciado pelo governo e, na nossa avaliação, o processo de reancoragem das expectativas de inflação deve levar mais tempo”, afirma Fernando Honorato, coordenador do Grupo Consultivo Macroeconômico da ANBIMA.**

No **câmbio**, a estimativa para o dólar ao final do ano foi revisada de R\$ 5,50 para R\$ 5,90. Para 2025, a previsão subiu de R\$ 5,50 para R\$ 5,80.

Já para o **PIB**, a projeção de crescimento em 2024 passou de 3,10% para 3,40%, refletindo o desempenho da atividade econômica no terceiro trimestre, mais aquecida do que o esperado, e a estimativa para 2025 foi levemente ajustada de 1,98% para 2,00%.

Na análise da política fiscal, a previsão para a **dívida bruta do setor público** neste ano foi revisada de 78% para 78,10% do PIB e subiu de 81,60% para 82,00% em 2025.

A estimativa para o **déficit primário** de 2024 foi reduzida de 0,50% para 0,46% do PIB e está em 0,72% para 2025.

Todas as análises do Grupo Consultivo Macroeconômico da ANBIMA sobre as projeções estarão no Relatório Macroeconômico que será divulgado até 11 de dezembro.

### **Sobre o Grupo Consultivo Macroeconômico**

O Grupo Consultivo Macroeconômico é composto por 26 economistas de instituições associadas à ANBIMA. Eles se reúnem a cada 45 dias, em média, sempre na semana que antecede a reunião do Copom, para analisar a conjuntura econômica e traçar cenários para os mercados brasileiro e internacional.

**Fonte:** [Anbima](#), em 09.12.2024.